



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Nunca Estive em Bagdad

AUTOR

Abel Neves

ANO

2006

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Abel Neves

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015

Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Nunca Estive em Bagdad

AUTOR

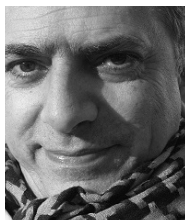
Abel Neves

ANO

2006

Este texto teve estreia em
2006, no Teatro López de
Ayala, Badajoz. Direcção
de Jorge Eines.

2015 Coimbra



Abel Neves

1956. É dramaturgo e coordena a Oficina de Escrita do Texto Dramático, Sociedade Portuguesa de Autores em Lisboa, que acompanha desde 2006. Possuidor de uma vasta obra literária, escreve desde romances e poesia a textos para cinema e televisão. De 1979 a 1991 trabalhou na Comuna-Teatro de Pesquisa na área de Dramaturgia e Assistência Literária, tendo ainda participado como actor em múltiplas criações teatrais. Na mesma entidade, de 1987 a 1989, foi responsável pela disciplina de Dramaturgia no Curso de Formação de Actores e Animadores Culturais. Em 1990, foi coordenador de Dramaturgia no Estágio de Criação Dramática para jovens Actores e Autores Europeus no âmbito da Convenção Teatral Europeia e em 1997 foi orientador de Curso de Guionismo, ADIIS - Associação Para o Desenvolvimento. Nos anos seguintes, foi professor convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema, na Universidade de Évora e na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo para leccionar na área de dramaturgia. Em 2009, recebeu o prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva com o texto *Jardim suspenso* e em 2014 foi distinguido com o prémio Autores 2014 pelo Melhor Texto Português Representado em 2013, *Sabe Deus pintar o Diabo*. É também autor das peças para teatro intituladas *Touro*, *Anákis*, *Amadis*, *Terra*, *Medusa*, *Atlântico*, *Finisterrae*, *Arbor Mater*, *El Gringo*, *Lobo Wolf*, *Inter-rail*, *Além as estrelas são a nossa casa*, *Supernova*, *Provavelmente uma pessoa*, *Vulcão*.

Glória e Rogério numa sala de casa cheia de objectos e mobiliário por arrumar. O ambiente é quase irrespirável. Acabaram de mudar de casa. Estão sentados e cansados. Selam os lábios com um silencioso, breve e amoroso beijo. A cabeleira de Glória é atraente, solta.

ROGÉRIO Depois desta, o melhor é casarmos. Não faço mais mudanças.

GLÓRIA *Lendo o folheto de uma embalagem de creme. Aplicar o creme com men-
sagem ligeira.* Deixam passar cada uma. *Rasga o papel.*

ROGÉRIO Começamos por onde?

GLÓRIA Não faço jantar.

ROGÉRIO Não fazes porquê?

GLÓRIA Podíamos ir comer fora.

ROGÉRIO Quero saber as novidades.

GLÓRIA Podes saber as novidades fora de casa, não?

ROGÉRIO Deixam de ser novidades. Vá, começamos por onde?

GLÓRIA Sei lá! Cozinha.

ROGÉRIO Tanta tralha. Mais de metade disto ficava bem no lixo.

GLÓRIA Mais de metade disto é teu, tem graça.

ROGÉRIO Não sou obrigado a gostar do que tenho. *Levanta-se.* Ainda bem que mudámos de casa. O que nos salva ainda vai sendo... *Beija-a suavemente.* ... isto.

GLÓRIA *Sorrindo, apalpando-lhe o rabo, e ele saindo.* O que nos vale é que não somos simplesmente ursinhos e não pensamos só no sexo.

ROGÉRIO Os ursinhos só pensam nisso? *Desaparece.*

GLÓRIA São animais ferozes. Não te esqueças que ficaste de pôr essa coisa do chuveiro, e o esquentador.

ROGÉRIO *Off.* Essa coisa! Chama-se misturadora. O esquentador não arrisco.

GLÓRIA Disseste que punhas! Vou tomar duche de água fria?!

ROGÉRIO *Off.* Eu tomo e não morro.

GLÓRIA Podes ser herói à vontade que eu não me importo desde que tenha o esquentador ligado. Chamo um canalizador.

ROGÉRIO *Off.* Ainda agora chegámos e já queres meter outro homem em casa. Há ovos, não há? Podias fazer uma omeleta.

GLÓRIA Vou a um chinês. *Ela observa em volta e depois para cima.* Trouxemos o candeeiro da sala? Não me lembro de o ter tirado. Ouviste? Trouxemos o candeeiro?

ROGÉRIO *Entrando com um pequeno televisor que há-de colocar a seu gosto na sala.* Acho que veio metido no mesmo saco do... deixa cá ver... acho que veio junto com os cortinados, já não sei. Mas se foste tu que o guardaste.

GLÓRIA Não guardei nada.

ROGÉRIO Eu não o tirei.

GLÓRIA Mas ficaste de o tirar! Deixámos o candeeiro no tecto? Não acredito.

ROGÉRIO Tu é que estás a dizer, não sou eu.

GLÓRIA Tanto pedi que não te esquecesses de o trazer. Queria pendurá-lo aí na casa de banho.

ROGÉRIO Uma pessoa não se pode lembrar de tudo. *Ela liga o monitor que ficará com a traseira para o público. Ela está interessada em olhar para ele, que ficou fixo no écran.*

“Choque e pavor”. Não fazem a coisa por menos. Esta vai doer. Golfinhos! Olha, já metem golfinhos na guerra para fazer a desminagem do porto. Isto hoje um gajo nem imagina como as coisas estão mesmo evoluídas. Já viste? Golfinhos. Sai barato. Aos golfinhos pagam-lhes com peixe. Pausa. Daqui a nada não há luz em Bagdad. *Algum tempo com ele vendo as supostas imagens.*

GLÓRIA Não quero acreditar!

ROGÉRIO Porto quê? Percebeste o nome do porto? “Umm... quê? *Ela continua interessada nele.* Não interessa. É no sul. *Senta-se diante do monitor.* A ver como isto está. Entrar, já entraram. Será que vão entrar todos pelo Kuwait?

GLÓRIA Acabámos de chegar e já estás com isso à frente dos olhos? Se soubesse que instalavam o cabo tão rapidamente...

ROGÉRIO Fomos a primeira televisão no mundo a dar os bombardeamentos em directo e isso para ti é igual ao litro. Depois do bombardeamento alguém vai estender a roupa no terraço do prédio em frente do hotel onde está o nosso querido repórter, o Carlos Fino. Toda a gente a ver. O bombardeamento dos palácios, aquilo a escaqueirar-se e depois o piu-piu dos passarinhos mais aquela pessoa a estender a roupa. São coisas destas que marcam a memória. Boa reportagem. Saiu-lhes a lotaria.

GLÓRIA Estás parvo. E os pobres desgraçados que têm que levar com as bombas em cima?

ROGÉRIO Os pobres desgraçados ainda hão-de agradecer. O filho do Saddam tem novecentos carros de luxo na garagem. Enquanto o povo está como está o rapazinho tem quase mil ferraris, porches e rolls royce metidos numa garagem. Não tenho paciência. Esses gajos só a tiro, sabes isso.

GLÓRIA Temos a casa toda para arrumar.

ROGÉRIO Enquanto mudámos de um bairro para o outro, os rapazes saíram do Texas e meteram-se no Iraque. Aos milhares! Imaginas o que é deslocar uma máquina de guerra assim de um lado para o outro do mundo, milhares e milhares de pessoas e sem que lhes falte nada?

GLÓRIA Não quero imaginar.

ROGÉRIO Esses cabrões do bigodinho queriam continuar a conversa mole, não percebes?, ainda não percebeste? Estamos todos fartos de conversa. Isto vai é com acções.

GLÓRIA Acho melhor envernizarmos o soalho.

ROGÉRIO Não querias cera? Já não queres a cera?

GLÓRIA Encontrei a Leonor. “Cera?!”, disse-me ela. “Nem penses! Põe verniz, é muito melhor”. Como não sei se a cera é melhor ou pior do que o verniz, decidi que o melhor será o verniz. É minha amiga, conheço-a bem. No verniz ou nas ideias, o problema é o mesmo: influenciarmo-nos uns aos outros.

ROGÉRIO Rica influência. O verniz é mais caro.

GLÓRIA *Olhando atentamente o monitor.* Começaram agora a destruir e já estão a pensar nos contratos das empresas de construção civil. Já estão a afiar o dente e não sei porquê cheira-me que são americanos. Vai ser bonito. E depois, este espectáculo horrível das propagandas.

ROGÉRIO Não queres ver, não vejas. Ninguém te obriga. Que isto é uma merda já toda a gente sabe. Achas normal ter o mundo refém de um bando de assassinos que tomou o poder aos tiros?

GLÓRIA E o que é que tu tens a ver com isso, Rogério?

ROGÉRIO O que é que eu tenho ver com isso?! Essa é boa! Ando neste mundo, não? O que lhes pertence a eles, também me pertence.

GLÓRIA Não estás falar de petróleo, pois não?

ROGÉRIO Falo de coisas mais importantes, minha querida, como do facto de poder estar a falar aqui contigo sem problema, sem ter que aturar um tipo qualquer com uma pistola apontada às costas.

GLÓRIA *Descolando um rótulo de um frasco.* Às vezes faz-me impressão. Não te dás conta da estupidez de tudo isto? Deixam cair as bombas porque tinham que se livrar delas em qualquer lado e isso para ti é uma cruzada pela liberdade.

ROGÉRIO Umm Qasr! Porto de Umm Qasr. Ao sul. *Pausa.* Os golfinhos. Olha aí. São giros, não são?

GLÓRIA Vou mesmo comprar o verniz, acho melhor.

ROGÉRIO Bassorá... Nassíria... Nadjaf... Karbala... Al Kut... e Bagdad. Gosto dos nomes. Para quem vem do norte: Mossul... Irbil... Kirkut... Tikrit... a terrinha do ditador.

GLÓRIA Compro o verniz?

ROGÉRIO Espero bem que os Curdos não se metam nisto. É preciso calma. O que têm já não é nada mau. A nossa Jessica safou-se.

GLÓRIA Quem?

ROGÉRIO É uma miúda, soldado, que foi apanhada pelos iraquianos, foi torturada. Houve um tipo que avisou as forças especiais e eles resgataram-na. Dezanove anos, vê tu bem. Teve sorte. Os outros oito morreram. Tem história para a vida.

GLÓRIA Todos temos histórias para a vida, não é preciso ir para a guerra. Perguntei se compro o verniz.

ROGÉRIO Olha, não há luz em Bagdad.

GLÓRIA Que mania esta coisa de estar sempre a trocar o rótulo do frasco da compota. A que propósito estás sempre a mudar o rótulo do frasco?

ROGÉRIO Olha, não há gatos em Bagdad. Estão a dizer que não há gatos em Bagdad.

GLÓRIA Vou sair.

ROGÉRIO Desapareceram os gatos de Bagdad. Engraçado.

GLÓRIA Os gatos desaparecem, vêm os ratos. Vou passar o resto das minhas férias a olhar para ti feito chimpanzé diante da televisão? *Ele olha-a fixamente.* Achas que temos a vida inteira para arrumar a casa, é isso? *Ele não responde e continua a olhá-la.*

ROGÉRIO O mundo está a dar uma grande volta e eu não quero ficar a ver passar navios. *Ela olha-o fixamente, veste o casaco e prepara-se para sair.*

GLÓRIA Compro o verniz, e vou jantar ao chinês. Queres vir?

ROGÉRIO Prefiro omeleta.

GLÓRIA *Saindo.* Muito bem. Vê se consegues ao menos fritar umas batatinhas que é coisa que nunca fizeste. Se não conseguires, aparece. *Ele vê-a desaparecer. Escuro.*

Luz. Ainda o mesmo ambiente, um pouco mais tarde. Rogério olha o monitor. Ao lado da televisão está uma bandeja com batatas fritas. Entra Glória com um candeeiro. Despe o casaco e senta-se junto dele. Ele não desvia o olhar.

GLÓRIA Não apareceste.

ROGÉRIO Mais um suicida, mas a coluna avança para Bagdad. Não tarda estão lá. A minha pergunta é: para quê?, o que lhes passa na cabeça, porra? Por que é que não se rendem? Estão à espera de quê? Podes comer. *Ela observa a bandeja com as batatas.*

GLÓRIA Foste capaz?! É pena já ter jantado.

ROGÉRIO Come. O verniz? Não trouxeste.

GLÓRIA Eu ia comprar verniz a esta hora onde?

ROGÉRIO Há no centro comercial, não?

GLÓRIA É preciso escolher bem a marca. Comi galinha com amêndoas, estou ótima.

ROGÉRIO Não sejas mentirosa! Detesto esse tipo de mentirinhas. Não foste ao chinês, não jantaste e não me venhas com tretas! *Ela demora algum tempo até agarrar uma batata. Prova. Estava onde o candeeiro?*

GLÓRIA Uhm... deliciosa! É de pacote?

ROGÉRIO As cascas estão no lixo, podes ver. Foste tu que tiraste o candeeiro? Estava no tecto? Foste a casa? Ia lá eu amanhã.

GLÓRIA Uhm... Descobriste a vocação, meu querido! *Come mais.*

ROGÉRIO *Levantando-se e pegando no candeeiro, que vai colocar fora de cena. Come à vontade. São para ti. Ela come.* Queres pôr na casa de banho? Tenho de arranjar o casquilho. Isto vai ficar com muita luz, mas agora não pode ser. Não vou desligar a luz agora. *Reentra em cena. Indica o monitor.* Como é que isso está? *Ela olha o monitor.* Fala-se de uma linha vermelha em volta de Bagdad. Se passarem, a guarda republicana dispara as ogivas com os químicos. *Ela está indiferente, comendo as batatas.* À medida que as tropas vão subindo no mapa uma pessoa até sente um arrepio na espinha. Até eu estou a ficar mais nervoso.

GLÓRIA Não acredito. Uma pessoa calma como tu.

ROGÉRIO Isto da guerra química impressiona um bocado.

GLÓRIA Achas mesmo que eles têm as armas químicas? Se as tivessem, achas que iam usá-las?

ROGÉRIO O ditador não quer sair a bem, sai a mal. Cá para mim, o Saddam nunca acreditou que os americanos tivessem a coragem de entrar no Iraque. Só isso. *Delicadamente, Glória desliga a televisão.* O pior ainda está para vir.

GLÓRIA Pois é. Deixa-os pousar em Bagdad.

ROGÉRIO Queres estender a roupa no quarto ou montamos primeiro o móvel? Posso lavar a casa de banho.

GLÓRIA Acho que é melhor deixarmos a casa de banho para o fim. Estás muito disponível. Estou admirada.

ROGÉRIO Os gajos estão naquela fase de moer o juízo do regime, e avançam no deserto. Há tempestade de areia e fica-se à espera que avancem. Rebentaram com dois ou três ministérios em frente ao Carlos Fino. Uma pessoa aqui está completamente dependente do que lhe dizem. Em Bassorá, por exemplo: parece que a cidade está controlada,

mas a gente sabe lá. Um gajo precisa de saber. É nisto que percebo os jornalistas: até querem estar à frente da notícia. Bom, eu se fosse jornalista...

GLÓRIA Se fosses jornalista ficavas na redacção à espera de ver chegar as notícias. Ou tenho o Indiana Jones em casa e não sabia?

ROGÉRIO *Olhando ao acaso para um canto do tecto.* Isto de dizer piadinhas à custa da desgraça dos outros.

GLÓRIA *Subitamente mudando de tom.* Essa é boa! Vocês metem-se a defender um tolo paranóico com a mania que é salvador da humanidade, parecem uns cães-zinhos a dar ao rabo atrás do dono, enchem-se de hormonas para ficar com músculos na cabeça com arezinhos de rambo de centro comercial e antes de pensar nas ideias perigosas que defendem ficam preocupados com o riso que dão nos outros!

ROGÉRIO *Olhando fixamente o canto do tecto.* Já reparaste ali?

GLÓRIA *Levantando-se enérgica e saindo para a suposta casa de banho.* Não quero saber da televisão para nada!

ROGÉRIO Até parece que fui eu que fiz o contrato. Não eras tu que querias os canais da música e mais os da história animal, os filmes e essas tretas? E não me venhas dizer que não gostas de futebol porque tu sempre gostaste de bola!

GLÓRIA Em doses equilibradas. E se uma pessoa chega à conclusão que os canais andam todos a mostrar a mesma coisa, o melhor é mandá-los à vida. Pouparamos dinheiro e paciência. *Rogério olha o tecto e vai observar melhor. Glória fala em off.* Merda, Rogério! Sempre a mesma coisa! Levanta a porra do tampo da sanita sempre que mijares! *Algum tempo.* Merda! O autoclismo não funciona porquê?

ROGÉRIO Porque será? *Glória entra.*

GLÓRIA Juro-te que mando vir o canalizador.

ROGÉRIO *Indicando para o alto.* Uma infiltração. Já viste?

GLÓRIA *Observando bem.* Desde que não nasçam cogumelos.

ROGÉRIO Espantoso! Saímos da outra casa porque começou a aparecer bolor no tecto da cozinha. E tínhamos vista para a praça. Chegamos a esta toca do deserto com vista para lado nenhum, reparo que há uma grande infiltração na parede e para ti é "desde que não nasçam cogumelos!" Passaram-te as alergias à humidade?

GLÓRIA A certa humanidade é que eu tenho alergia. Não sei porque não reparaste quando viemos ver a casa. Isso já aí estava.

ROGÉRIO Viste e não me disseste nada?

GLÓRIA Pensei que tivesses visto.

ROGÉRIO Não vi, e não me disseste nada.

GLÓRIA Uma pessoa tem de dizer tudo?

ROGÉRIO Se és alérgica a humidades podias ter comentado, é normal, não?

GLÓRIA *Observando melhor.* Para ser sincera nem reparei que fosse tão grande. Era uma manchinha pequena. *Os dois reparam bem.* Aumentou de certeza. Não me lembro que fosse assim.

ROGÉRIO Passará aí algum cano? A casa de banho do vizinho está em cima. Falas com ele?

GLÓRIA Falo com ele?! Não falas tu porquê?

ROGÉRIO *Apalpando-lhe o rabo.* Se eu fosse o vizinho preferia que fosses tu a falar.

GLÓRIA Ele tem obrigação de tratar do assunto.

ROGÉRIO Alguém tem de lhe ir dizer, não vai adivinhar. Além disso o contrato está em teu nome. Para alguma coisa hão-de servir os nomes nos contratos. *Liga a televisão.*

Vamos ver como isto está. É fodido! Como é que um gajo pode evitar os danos colaterais se desatam todos aos tiros? Um gajo se ouve uns tiros, dispara.

GLÓRIA Queres uma bolacha? Ainda são do tempo da outra mudança.

ROGÉRIO Vê-se que não sou muito de comer bolachas. Estes gajos passam a vida a repetir as imagens. Contam a mesma história ao fim de quatro dias como se tudo estivesse a acontecer agora. Há dois poços de petróleo a arder.

GLÓRIA Achei graça ao teu presidente a pedir aos iraquianos para não incendiarem os poços de petróleo. Está mesmo muito preocupado, coitado. Não sabia que o Texas agora era no Iraque. A geografia mudou?

ROGÉRIO Estou mesmo a ver. Um dia destes vou grammar outra vez a notícia dos golfinhos. *Ela senta-se ao colo dele, tapando-lhe a visão do monitor.* Glória, por favor!

GLÓRIA Uhm... só um bocadinho. *Delicadamente ele resiste e ela, desconsolada, afasta-se, saindo na direcção do quarto. Algum tempo com ele vendo a televisão. Escuro.*

3

GLÓRIA *Off.* Todos diferentes, todos bestiais! Vocês, autonomia é zero!

ROGÉRIO *Off.* Olha, onde eu noto que sou bastante autónomo é na praia, no verão. Ainda consigo pôr o creme no corpo todo, sozinho. É mentira?

GLÓRIA *Off.* Nunca mais vejo isto arrumado. Cheiro horrível! Luz. *Arrastam o colchão para a sala e preparam a cama. Tudo está ainda num grande desnorte. O monitor de televisão não está em cena.*

ROGÉRIO Espero não dormir aqui muitos dias.

GLÓRIA Dormimos os que forem necessários. Fartei-me de te dizer que a Leonor me tinha dito que nunca se põe verniz em cima da cera.

ROGÉRIO Porreiro! E puseste cera para quê? Avisavas, não? Uma pessoa se põe cera no chão, avisa. Ainda por cima se vive na mesma casa que eu.

GLÓRIA Experiência, não posso? E acho espantoso nem teres reparado que tinha posto cera.

ROGÉRIO Experiência!

GLÓRIA Amanhã raspamos o soalho e logo se vê. Raspa com a palha d'aço, não ponhas decapante.

ROGÉRIO Sim, comandante!

GLÓRIA Não sejas parvo! As almofadas estão onde?

ROGÉRIO Se calhar não vieram. Já viste no frigorífico?

GLÓRIA *Brincando com a ironia.* No congelador não estão. *Deitam o colchão.*

ROGÉRIO E os sacos-cama?

GLÓRIA Sacos-cama?!

ROGÉRIO Sim, estão onde?

GLÓRIA Foste tu que os guardaste. Vamos pôr lençóis, não?

ROGÉRIO Lençóis no meio desta bagunça? Uma noite ou duas passam-se bem no saco-cama.

GLÓRIA Indo buscar os lençóis. Se a casa ainda não está arrumada não é culpa minha.

ROGÉRIO Lá vem a culpa! Ninguém está a dizer que tens culpa. Estou a dizer que passo bem uma noite ou duas no saco-cama.

GLÓRIA O costume. Diz-se uma coisa a pensar noutra. Passamos a vida a dizer

umas coisas que não são o que pensamos. Começo a ficar farta. Uma pessoa a ver se isto tem um arrumo qualquer, um ar mais limpo. Já reparaste que és incapaz de ser um bocadinho simpático quando eu mais preciso que alguém seja simpático comigo? Já reparaste? Sabes bem que não suporto esta coisa de andar de um lado para o outro, as mudanças deixam-me doente e tu, em vez de tentar acalmar a porcaria da minha chatice, parece que fazes de propósito. Todas estas coisinhas parvas que há para fazer deixam-me fora de mim e tu é como se nada fosse. E é isso: não parece que fazes de propósito: fazes mesmo! Tem sido sempre a mesma história. Chega a ser insuportável. Sabes o que é? Há pessoas que sabem conversar e outras que não, é simples. Há pessoas que estão disponíveis para viver com as outras e outras que não. Saco-cama! Deu-te para aí! Uma pessoa chega a pontos que só apetece ter coragem e largar isto de uma vez por todas! *Ele olha-a e sem fazer grande esforço para compreender as suas razões. E escusas de olhar para mim assim.*

ROGÉRIO Assim, como?

GLÓRIA Tenho o direito de andar nervosa, não? Por acaso alguma vez te preocupaste com o que pode vir a ser a minha vida daqui para a frente? Guardámos os lençóis onde?

ROGÉRIO Devem estar no sítio das almofadas.

GLÓRIA Importas-te de fazer qualquer coisinha?

ROGÉRIO Ok, vou procurar. *Vai procurar e abre depois uma mala. Observa.* Não está cá nada. Esta não é a mala da roupa? Estão aqui as tuas galochas. *Observa atentamente uma fotografia que recolhe do interior das galochas.* Engraçado, nunca tinha visto.

GLÓRIA Quê?

ROGÉRIO Nada, não é nada.

GLÓRIA O que foi? *Ele olha para ela fixamente.* Que foi?

ROGÉRIO Uma fotografia. Estás aqui.

GLÓRIA *Aproximando-se.* Fotografia?

ROGÉRIO *Dando-lhe a foto.* Uma fotografia, sim. *Surpreendida, pega na foto e rasga-a.* É melhor queimar. Rasgada podemos sempre colar os pedacinhos. E podias ter guardado melhor. Nas galochas uma pessoa acaba por descobrir. *Ela volta para junto do colchão.*

GLÓRIA Vá, estou cansada, quero ir para a cama.

ROGÉRIO Não queres os lençóis?

GLÓRIA *Indo procurar também, mas não sabendo muito bem onde.* Que chatice, Rogério! Tenho de me lembrar sempre de tudo!

ROGÉRIO Não sou eu quem quer os lençóis. *Ela encontra os lençóis, e sem trocarem palavras fazem a cama.* Dispensou o cobertor.

GLÓRIA *Indo buscar um cobertor.* Tenho muita pena mas não estou para dormir com uma pedra de gelo. Arrefeces sempre durante a noite. *Ele não reage e espera que ela regresse com o cobertor.*

ROGÉRIO Esta coisa dos amores. Uma pessoa mete-se neles e depois anda à nora. Uma pessoa meter-se é fácil, sair é que é mais complicado. *Ela não reage.* Durou quanto tempo? *Ela não reage e encontra o cobertor.* E o que é que custa assumir as coisas? Ainda por cima está na moda, assumir está na moda. Fica bem assumir. Uma pessoa assumida é logo outra coisa. Não percebo porque não assumes.

GLÓRIA *Aproximando-se com o cobertor.* Não assumo o quê?

ROGÉRIO Essa criatura da fotografia.

GLÓRIA Essa criatura foi um caso passado e já não existe.

ROGÉRIO Viu-se pelo modo como rasgaste a fotografia.

GLÓRIA Pensa o que quiseses!

ROGÉRIO É bestial! Combinámos umas merdas, não? Não combinámos que íamos esquecer o passado? Não combinámos que íamos deitar fora tudo o que dissesse respeito às nossas vidinhas do passado? Eu fiz isso, não? Meti tudo a arder, cartas, fotografias, recordações, coisinhas, tudo!, e tu guardas a merda numa fotografia do teu querido nas galochas!

GLÓRIA Não seas exagerado. Por favor, Rogério...

ROGÉRIO Se calhar inventei! Agora imaginei! Olhei para as tuas galochas, descobro a porra numa fotografia, olho para ela e tu também, reconhecemos que és tu mais um dos teus queridos, dou-te a fotografia para a mão, digo: "uma fotografia." Tu pegas nela, rasgas e sou eu que estou a imaginar a cena. Se calhar estou a inventar. Estou a inventar? *Pausa.* É recente? *Pausa.* Perguntei se é recente. *Pausa.* É recente?

GLÓRIA Mas qual recente! Que estupidez! Foi um caso, acabou.

ROGÉRIO O que foi que combinámos? Não combinámos que íamos deitar tudo fora? Pelos vistos, tu guardaste um poster. Não ando a brincar aos casamentos, levo isto a sério.

GLÓRIA Estamos casados? É novidade.

ROGÉRIO E em que praia foi? Foi no Meco? Foi onde?

GLÓRIA Que estupidez, Rogério! Sei lá em que praia foi!

ROGÉRIO Não sabes? Linda memória! Os dois nuzinhos numa praia desconhecida de Portugal! Lindo de se ver. E já agora quem foi que tirou o retrato? O agente turístico? O tipo parece um modelo do Picasso. É propaganda ao Algarve?

GLÓRIA Também tenho uma do meu baptizado, se queres ver.

ROGÉRIO Estás nuazinha?

GLÓRIA *Afastando-se com intenção de sair para a casa de banho.* Com um fatinho transparente cor de rosa. Foi a minha mãe que fez com uma toalha do altar de Santa Luzia. Acho bem fazeres qualquer coisa porque não estou com cabeça para cozinhados.

ROGÉRIO Não estás mas devias estar. O que é que eu percebo de cozinha?

GLÓRIA Amanhã cedo tenho de ir ao hospital, não te esqueças.

ROGÉRIO Não me esqueço! Como se os teus ovários fossem meus. *Pausa incómoda. Arrependido, ele gostaria de não ter dito o que disse. Desculpa. Furiosa, ela desaparece para a casa de banho.* Já pedi desculpa. Uma pessoa às vezes diz umas merdas, é verdade. Desculpa. Ouviste? Desculpa.

GLÓRIA Gritando. Se fazes o favor tira a porcaria da televisão aqui da casa de banho!

ROGÉRIO *Dirigindo-se à casa de banho.* Ok, não é preciso gritar. *Ele sai para a casa de banho e ela entra com um saco de água quente e senta-se, suspirando demoradamente para o tecto.*

GLÓRIA Vai demorar muito?

ROGÉRIO *Off.* Espera. Os gajos da sic estão com o videofone ligado também.

GLÓRIA Videofone!

ROGÉRIO *Entra com a televisão. Ela levanta-se e volta à casa de banho. Ele coloca a televisão e liga o cabo.* Aqui sempre temos os canais todos. *Fica a olhar para o monitor.* Vou fazer uma sande, queres? *Sem se mexer.* Vou fazer uma sande. Queres? *Pausa.* Queres? Vou fazer uma sande! *Pausa.* Ao menos responde.

GLÓRIA *Off.* Vou dormir.

ROGÉRIO *Olhando atentamente o monitor, sorri.* Porra, o Carlos Fino! No meio desta merda uma pessoa até tem de se rir. Uma pessoa tem de se rir com a tragédia. Passou-lhe

agora mesmo um míssil por cima da cabeça. Em cheio num palácio, ou lá o que foi. Porra, estás a ouvir as sirenes?

GLÓRIA *Off.* Quê?

ROGÉRIO Se estás a ouvir as sirenes!

GLÓRIA *Entrando com o penteado mudado e de novo com o saco de água quente.* Não fazes a sande?

ROGÉRIO Não me apetece.

GLÓRIA Aqueceste a água?

ROGÉRIO Pediste?

GLÓRIA Costumas aquecer.

ROGÉRIO *Sorrindo.* Aquecia. Casa nova, novos hábitos! *Ela olha para o fogão e vê a água. Vai ao fogão e enche o saco com a água.*

GLÓRIA *Amanhã...*

ROGÉRIO *Atento ao monitor.* Uhmm?

GLÓRIA *Dirigindo-se para a cama improvisada.* Não é preciso ires.

ROGÉRIO Quê?

GLÓRIA Amanhã não é preciso ires comigo ao hospital.

ROGÉRIO Eu vou.

GLÓRIA Não é preciso.

ROGÉRIO Não?

GLÓRIA Não.

ROGÉRIO Está bem. *Glória deita-se. Ele olha para ela e com um movimento de ternura deita-se a seu lado e procura seduzi-la. Ela não está disposta. Não falam. Ele despe-se e entra na cama. Tenta ainda mais uma vez mas ela está recolhida e não responde. Pouco depois ele desiste. Afasta-se um pouco na cama. Só agora apaga a luz do candeeiro junto ao colchão. Pausa. Estão os dois, solitários, e o monitor ilumina o quarto, mas não está voltado na direcção de Rogério. Ele sai bruscamente da cama. Merda. Vai tentar colocar o monitor na sua direcção mas verifica que não dá por causa da tomada ou do fio e também porque há muita desarrumação na sala. Senta-se por momentos. Volta para a cama. Glória...*

GLÓRIA *Que não abre sequer os olhos.* Uhmmm...?

ROGÉRIO Vou só dar um jeitinho ao colchão, pode ser? *Espera resposta mas ela não responde, e avança. Arrasta o colchão de modo a poder ficar com os olhos na direcção do monitor da televisão. Depois, deita-se, e observa o televisor. Algum tempo.*

GLÓRIA *Sempre sem abrir os olhos.* Estamos com a cabeça virada para onde?

ROGÉRIO *Fazendo as suas contas à direcção.* Norte, acho eu. Não, sul.

GLÓRIA Sul?

ROGÉRIO *Desnorteadado.* É importante?

GLÓRIA A cabeça para sul, faz-me impressão, já sabes.

ROGÉRIO Acho que estamos com a cabeça para norte. Não dizia?, golfinhos! Cá estamos a gramar a cena dos golfinhos a cheirarem as minas. Pessoal a lerpar e nós a ver golfinhos. Isto só a tiro! *Pausa.* Não queres ver?

GLÓRIA Estou cansada, e daqui a nada estou a pé. Desliga isso, pode ser?

ROGÉRIO Não consigo perceber como consegues. Uma pessoa tem de reagir. O mundo no estado em que está e tu só pensas em dormir. Sempre pensei que esta coisa da guerra te preocupava, afinal...

GLÓRIA *Sem se mexer.* Daqui a nada levanto-me e não é para ir apanhar flores.

ROGÉRIO É trabalho, não? Apanhar flores é trabalho.

GLÓRIA Vais ficar muito tempo?

ROGÉRIO Até parece que não me conheces. *Procura o comando do monitor mas não o encontra. Sai da cama.* Não sei onde está a porra do comando. *Desliga o monitor. Escuro, mas não total. Volta para a cama e a sua atitude é para dormir rapidamente.*

GLÓRIA *Ela desperta e olha para o tecto à procura do seu norte.* Rogério...

ROGÉRIO *Que já não abre os olhos.* Uhm...?

GLÓRIA Que vamos fazer com os dias que nos restam?

ROGÉRIO Agora vamos dormir, não é?

GLÓRIA Adorava ir apanhar flores. *Pausa.* Adorava ir apanhar flores. Sabes, muitas vezes sinto que aos olhos dos outros as coisas em que acredito são ridículas, até faço um esforço para deixar de pensar nelas porque podem ser ridículas, mas não consigo. Precisava de estar um bocadinho mais convicta disto tudo.

ROGÉRIO Disto tudo, o quê?

GLÓRIA Do nosso amor. Admiro aquelas pessoas que vivem cheias de convicção.

ROGÉRIO Eu cá, não quero morrer infeliz cheio de convicções. Dormimos? Não percebo. Há um bocado quis falar e tu querias dormir. Agora que me deito para dormir queres ficar à conversa? *Ela olha bem para ele, que não a olha.*

GLÓRIA Não percebes que estão a querer fazer de ti um atrasado mental? Que todos estamos a ficar cada vez mais uns atrasados mentais?

ROGÉRIO Yes... *Voltando-se para ela.* Glória, estás bem?

GLÓRIA Nunca estive tão bem.

ROGÉRIO *Beijando-a.* Ok, então vamos dormir. *Afunda o corpo para o sono e já não se mexerá.*

GLÓRIA A luz da cozinha ficou acesa. Vais lá?

ROGÉRIO Tu é que estás com insónia, não sou eu. *Ela levanta-se e sai para a cozinha.* Deixa, eu v

4

Luz da manhã. Ele está ainda na cama e ela chega vinda do hospital. Pousa alguns envelopes com análises clínicas.

ROGÉRIO Então?

GLÓRIA Vou tirar. Tempo. *Ele sai da cama, suavemente e fica sentado.*

ROGÉRIO Vais tirar como?

GLÓRIA Vou tirar. Tem de ser, não é? *Ele não consegue disfarçar o incómodo e levanta-se.*

ROGÉRIO Vamos ao cinema? *Ela não responde, ficando recolhida.* Está aí um filme sobre esquimós. *Tempo. Devagar, ela despe o casaco.*

GLÓRIA *Olha a desarrumação em volta.* Apetece-me ficar em casa. *Ele olha para ela.*

ROGÉRIO Vais tirar?! Foi o médico que disse?

GLÓRIA Quem querias que fosse? *Olha em volta.* Não arrumaste nada.

ROGÉRIO Adormeci. Desculpa. *Ela sorri para ele. Escuro.*

Outra manhã. Glória entra em casa vinda da rua. Com um saco de compras. Ele está diante da televisão, observa o monitor e ao mesmo tempo como que conserta a ficha de um candeeiro.

GLÓRIA Passei no hospital.

ROGÉRIO Trouxeste as azeitonas?

GLÓRIA Vou fazer mais exames.

ROGÉRIO Os filhos da puta mandaram um míssil contra um centro comercial no Koweit. Felizmente que não apanhou ninguém.

GLÓRIA *Arrumando o saco e despiando o casaco.* Ah, sim? Estava fechado, não?

ROGÉRIO Pois, foi de noite, foi a sorte.

GLÓRIA Acreditas em tudo o que te dizem. Tudo não, porque o que eu digo nem sequer te interessa. *Ele continua a ver a televisão e ela arruma as coisas que traz no saco, e esfarela pedaços de pão seco para um prato.* Comprei esparquete.

ROGÉRIO Não havia mais nada? Detesto esparquete.

GLÓRIA Foi de propósito. Para a próxima vais tu comprar.

ROGÉRIO Sempre gostaste de fazer tu as compras, não percebo. Tu gostas, eu não gosto, e a vida continua.

GLÓRIA Continua, mas mal.

ROGÉRIO É preciso começar a conhecer o bairro. Como é que se chama o senhor da mercearia?

GLÓRIA Rogério, vamos acertar definitivamente uma coisa: falamos da nossa vidinha depois. Agora precisamos de arrumar a casa.

ROGÉRIO Parece que os gajos estão a mandar mais voluntários suicidas. A coisa vai doer. Explodiu um paiol. Azeitonas, compraste?

GLÓRIA Esqueci-me.

ROGÉRIO *Com os olhos no monitor.* É mesmo esquisito, isso das virgens e do paraíso. Deve haver um prazer qualquer nessa coisa do martírio. Sempre o mesmo paleio. E depois essa coisa de serem pobres não justifica a porcária.

GLÓRIA Mas tu alguma vez podes saber o que é ser pobre, não ter sequer terra para pôr os pés, andar para ali ao sabor do que os outros querem?

ROGÉRIO Lá vem a confusão. Isto não é a Palestina. É o Iraque. E não confundas os fanáticos da religião com o resto.

GLÓRIA A facilidade com que se mata a torto e a direito.

ROGÉRIO Somos bichos, não te esqueças.

GLÓRIA Mas graças a Deus que o teu George W é um santo. Ficamos todos mais descansados. Nós aqui à conversa e eles na carnificina.

ROGÉRIO É o mundo que temos.

GLÓRIA Espero ao menos que isto acabe depressa. Estou farta de pesadelos. *Indo na direcção do quarto e levando o prato com as migalhas.* Viste a minha blusa azul?

ROGÉRIO Pus no armário do quarto. Desculpa lá, onde é que vais com isso?

GLÓRIA Vou dar as pardais, não posso?

ROGÉRIO Dás aos pardais e vêm os pombos, e depois tenho de andar a telefonar para a câmara a pedir que matem as ratazanas voadoras.

GLÓRIA *Saindo.* E a mim é que me há-de importar.

ROGÉRIO Um gajo está em qualquer lado e há sempre merda de pombo a cair.

GLÓRIA *Off.* Não te preocupes que o meu contrato é com os pardais. Deixaste a janela aberta porquê?

ROGÉRIO Não abri.

GLÓRIA *Off.* Mas está aberta. *Subitamente, um grito muito assustado de Glória. E ao mesmo tempo que Rogério reage perguntando “que foi?”, ouve-se um prolongado, alto e violento miado de gato assanhado. Rogério corre para o quarto e antes que ele tenha tempo de entrar, ela sai, muito agitada e sempre ouvindo-se o gato assanhado, e corre a refugiar-se nalgum canto. Tudo é muito rápido.*

GLÓRIA Fecha a porta, fecha a porta, merda! *Mas ele não consegue fechar a porta, ouvindo-se o gato mais perto e dentro da sala onde estão.* Escuro.

6

Luz. O mesmo ambiente, mais tenso. Ouve-se de vez em quando um miado surdo de gato, escondido, atento a tudo o que respira na sala. Rogério e Glória estão refugiados num canto. Ele tem um cobertor na mão.

ROGÉRIO Ridículo, isto é ridículo. Contado ninguém acredita. Pensava que gostavas de bichos.

GLÓRIA Gosto de bichos normais. Como tu. É uma parvoíce deixar a janela aberta todo o dia. Para arejar bastam cinco minutos. Disse-te que tinha visto a porcaria do gato aí no telhado.

ROGÉRIO Foi uma sorte não ter ido aos olhos. Podias ter fechado logo a porta do armário.

GLÓRIA Estás parvo, vê-se mesmo que estás parvo! Uma pessoa vai ao armário e achas que está preparada para dar de caras com um gato assanhado?

ROGÉRIO Assustado. Assanhado é só depois. O bicho estava sossegado, e assustou-se. É natural, os bichos também são assustadiços. Vê a coisa pelo lado dele.

GLÓRIA Não tenho nada de ver pelo lado dele. Fui buscar a blusa e o desgraçado atirou-se a mim, não há cá que saber se estava assanhado ou assustado.

ROGÉRIO *Ajeitando melhor o cobertor.* Por acaso uma vez na tropa fiz isto a um tipo que tinha dado em doido. O gajo saltou da cama aos gritos, a insultar o comandante e a dizer que ia partir tudo, a começar por nós. Depois, desatou a atirar com tudo o que tinha à frente. Estávamos à rasca por causa da metralhadora. Houve um camarada que me fez sinal e eu percebi. Agarrei num cobertor, chamaram-no de um lado e vumba!, saltei-lhe em cima. Acho que tivemos sorte. Assim como se enervou, acalmou. Nunca ninguém percebeu o que lhe deu, nem nunca mais teve nada, pelo menos que eu sabia. Era um gajo porreiro. Já o vi fora da tropa. Faz toldos e vende selos ao fim-de-semana. Ou vendia, não sei.

GLÓRIA Já não tens a agilidade que tinhas dantes, não é?

ROGÉRIO Relaxa, meu amor.

GLÓRIA Estou calma.

ROGÉRIO Não stresses. Mania do stress. Vai correr tudo bem.

GLÓRIA Não estou stressada. Isto é tudo muito estúpido, é só.

ROGÉRIO Sabes bem como és: se não estás stressada precisas logo de estar para conseguires depois não estar. Complicadinha.

GLÓRIA Se não atiras tu o cobertor, atiro eu. *Ele hesita mas depois levanta-se, cuidadoso.*

ROGÉRIO Ou ele ou eu. *E, corajoso, salta para cima do gato. Ouve-se o miado assustador. Escuro.*

7

Rogério tem na mão aquilo que parece ser um gato inteiro, esfolado, ensanguentado, segurando-o por uma das patas. Olha atentamente para a televisão com o animal negligentemente pendurado. Já se nota algum arranjo na sala, mas ainda longe de ser uma casa-modelo. Glória está fora de cena.

ROGÉRIO Olha-me só esta cena.

GLÓRIA *Off.* Que foi?

ROGÉRIO De certeza um engano, porra, só pode ter sido. Chiça!

GLÓRIA Entrando. Não pões o avental?

ROGÉRIO Caiu uma bomba num mercado. *Ela toma atenção às imagens que não vemos. Tempo, com eles estranhamente estáticos, fixos no monitor. Depois, Glória senta-se muito perto do monitor, olhando-o. O mutismo ainda por algum tempo.*

ROGÉRIO Espero que estejas a ouvir bem o que dizem para não dizeres que sou eu que invento. É bem possível que tenha sido um míssil mandado pelos próprios iraquianos. *Ela sorri.*

GLÓRIA Estás a gozar.

ROGÉRIO Não sou eu que estou a gozar, são eles que estão a dizer.

GLÓRIA Eles, quem?

ROGÉRIO Eles quem! O Vaticano, Glória! *Ela pega no comando com intenção de mudar o canal. Não vais mudar de canal agora, ou vais? Ela carrega no comando. Volta para trás. Não, espera. Ela pára.*

GLÓRIA O folhetim da pedofilia.

ROGÉRIO Quem é esse? Mais um?! *Pausa.*

GLÓRIA Um bocado padrego, não?

ROGÉRIO Um gajo agora tem cara de padre e é logo pedófilo. *Ela desliga a televisão. Ele pega no comando e liga-a.*

GLÓRIA Andas com isso de um lado para o outro há uma data de tempo. Tens de cortar o bicho. Até faz impressão.

ROGÉRIO *Sempre olhando o monitor.* Faz impressão! A ti também tudo te faz impressão. *Dirige-se para a mesa e coloca o bicho sobre uma tábua. Observa-o. A natureza morta é-lhe desagradável também, mas não o denuncia.*

GLÓRIA Descasco as batatas?

ROGÉRIO Das pequeninas. *Muito cerimoniosamente, com visível falta de jeito, começa a cortar o animal, muito devagar.* Puta de ideia, esta. Queres a cabeça para alguma coisa?

GLÓRIA *Que vai tratar das batatas.* Horror! Não quero a cabeça para nada.

ROGÉRIO A língua é óptima. E o céu da boca? Já experimentaste o céu da boca? É assim uma espécie de... de cartilagem, adocicada, até parece que o bicho concentra

aqui os sabores de tudo o que vai comendo na vida. Tem um sabor... um sabor... como é que hei-de dizer? Complexo.

GLÓRIA Sabor complexo! Tira-me a cabeça daí. E vê lá onde a pões. Não vais pôr no lixo.

ROGÉRIO Não. Tiro-lhe os miolos, secamos o crânio e fazemos um cinzeiro. Mioslos... antigamente gostava imenso, hoje, nem por isso. *Corta a cabeça e fica com ela na mão.* E as bochechas? Gostas das bochechas? Os dentinhos, já viste?

GLÓRIA Poupa-me, pode ser?

ROGÉRIO *Espreita o monitor e interessa-se pelo que vê, e com a cabeça do bicho na mão.* Esta noite fartaste-te de dar voltas. Disseste uns nomes.

GLÓRIA Nomes?

ROGÉRIO É esquisito porque a sensação que dá no meio desta merda toda é que as feridas vão ter que sarar. Estamos a ver esse pessoal a sofrer e ao mesmo tempo já sabemos que não há outra hipótese que não seja aguentar a dor. Uma bomba no mercado é uma porra. Ninguém imagina. É. É uma porra.

GLÓRIA Que nomes?

ROGÉRI Quarenta e tal mortos, gente do povo. Bom, isto assim é uma chatice.

GLÓRIA Disse que nomes?

ROGÉRIO Disseste várias vezes o mesmo. Espero que não seja o canalizador. *Pausa.* Góis. *Ela não reage, ou melhor, reage para si.* Não conheço. É o canalizador?

GLÓRIA O cirurgião. *Algum incómodo.*

ROGÉRIO *Tentando aliviar a tensão que ele próprio criou e com a cabeça do animal na mão.* Se não a posso pôr no lixo deixo-a aqui e fazes tu como quiseses. *Pousa a cabeça, ficando visível. Volta à mesa e reinicia o cruento esquarteramento.*

GLÓRIA Não percebes que isso da carne crua me faz impressão?

ROGÉRIO E achas que a mim me dá gozo, é? Não sou carnicheiro. Corto as coxas por onde? *Ela não responde.* Não dizes nada, corto à minha maneira. Depois não te queixes. *Demora algum tempo a observar bem a criatura.* E pensar que andou por aqui neste mundo. *Estuda o corte.* Vais estufar?

GLÓRIA Quem o mete na panela és tu.

ROGÉRIO Okei, vou cortar à minha moda. *Preparando-se.* Ouviste? *Pausa.* Ouviste?

GLÓRIA Faz como quiseses.

ROGÉRIO Cá vai. *Inspira profundamente e corta a carne com violência em pequenos pedaços e também muito rapidamente, como se pudesse fazê-lo numa só respiração. No fim expira com exuberância. Ela fecha os olhos e recolhe-se a contemplar as batatas. A expressão de Rogério é um misto de triunfo e vergonha. Sorri ao ver o aparato diante de si. Nem sabe como conseguiu cortar o animal tão bem e tão rapidamente. Uma pessoa, às vezes, o melhor é nem pensar. Olha o monitor.* Os alhos?

GLÓRIA Vais tu descascá-los. *Rogério mete os pedaços do bicho dentro de uma terrina e fica sem saber o que fazer.*

ROGÉRIO Ponho o sal agora ou depois? Como é melhor? *Ela não responde e ele desiste de pensar em dar-se uma resposta. Abandona a mesa e vai sentar-se diante do monitor, negligenciando a tarefa. Pouco depois ela desiste também e vai sentar-se diante do monitor. Os dois ficam mudos e deprimidos.* Isto assim é uma merda.

GLÓRIA *Sem olhar para ele.* Há quanto tempo não me dás um abraço? *Mantêm-se imóveis, mas depois ele chega-se para junto dela e abraça-a. A ela é-lhe indiferente o abraço, e ele desiste, voltando à sua posição.* Se eu soubesse que seria assim.

ROGÉRIO Se soubesses que seria assim, o quê?

GLÓRIA Não fazes nada para que isto mude um bocadinho.
ROGÉRIO Tu fazes muito, é? *Pausa.*
GLÓRIA Rica vida a nossa.
ROGÉRIO É a que temos. *Pausa.*
GLÓRIA Tenho a infeliz sensação de que se não estivesse agora contigo, amanhã iria esquecer-te.
ROGÉRIO Ah, sim?
GLÓRIA Sim.
ROGÉRIO *Olha-a fixamente.* Gostava de perceber isso melhor.
GLÓRIA Também consegui deixar de fumar.
ROGÉRIO Não estou a perceber.
GLÓRIA Ando nisto dos exames há não sei quanto tempo e tu nem sequer te dignaste levar-me uma única vez ao hospital. Era fazer muito, levar-me ao hospital?
ROGÉRIO Mudámos de casa porque te sentias mal, passamos a vida a mudar por causa das tuas alergias, sou eu que trato sempre de tudo, e vens-me com essa? Desde quando é que quiseste que eu soubesse? Escondeste o problema, fingindo que não era nada contigo e eu agora tenho de aturar a tua má disposição? Alergias! Cá para mim é mania. *Ela sorri.* E não comeces com cinismos. *Glória como que pergunta "cinismos porquê?"* Esse risinho.
GLÓRIA Estou a rir de mim, não te preocupes. *Pausa.* Não me apetece comer o coelho.
ROGÉRIO Mau! Fui ao talho de propósito porque te apetecia muito comer coelho. Sou alérgico a coelhos, sabes isso! Muito bem. Fiz o favor de ir buscá-lo, estou a arranjá-lo o melhor que sei, e tu agora decides que afinal não te apetece?
GLÓRIA Apetecia-me, mas agora não me apetece.
ROGÉRIO Pareces uma dessas meninas caprichosas. Havia de ser bonito se estivesses grávida. *Pausa, uma vez mais uma pausa incómoda. Olham-se e ela sai para o quarto. Ele vê-a sair. Escuro.*

Luz. Os dois ainda sentados, alguns dias mais tarde. Diante do monitor.

ROGÉRIO Estão sem luz. Fodido. Passaram a linha vermelha. Agora é que se vai ver se há armas químicas ou não. Podes ir buscar o pacote das batatas? *Glória levanta-se e vai buscar um pacote de batatas fritas, que depois abre. Comem.* Estão a perder helicópteros. É estranho. Mais um Black Hawk. Já viste a quantidade de bombistas que deve haver em Bagdad? Aquilo é um vespeiro. O Colin Powel foi à Turquia por causa dos curdos. Estão a dizer que vai negociar a frente norte. Daqui a nada estão no aeroporto. Bom, se conseguirem, não sei se estás a ver, fica o caminho livre. E não é só isso, é muito importante psicologicamente. Uma cidade cai quando o aeroporto é apanhado. Psicologicamente é fodido. *Pausa.*

GLÓRIA Rogério... *Ele espera que ela avance no que vai dizer.* Nada. Esquece.

ROGÉRIO Diz.

GLÓRIA Não é nada.

ROGÉRIO Diz. *Pausa.* Se não queres dizer, não digas. *Ficam a comer as batatas e a luz vai baixando. Escuro.*

Luz. Ainda a cena composta como a anterior. Ele sempre atento ao monitor. Glória usa umas luvas manchadas com tinta e está junto de um móvel, pronta para arrumá-lo, e esperando que Rogério ajude ao movimento.

GLÓRIA Vou ficar aqui o dia todo?

ROGÉRIO *Rindo.* Esse ministro da informação, o Mohamed al Sahaf, se não é burro, faz-se! Tomámos o aeroporto e o gajo está a dizer que está tudo sob controle. As tropas da coligação estão a entrar em Bagdad, toda a gente está a ver e o gajo diz que não. O homem passou-se! Ou é míope. Se isto não fosse trágico dava vontade de rir. Sabes o que eu acho? Que o homem tem medo.

GLÓRIA É natural, não? Uma pessoa pode ter medo. *Pausa.* Rogério, assim não dá.

ROGÉRIO Não dá, o quê?

GLÓRIA Já tenho a minha dose, percebes?

ROGÉRIO *Interrompendo, alto.* Voltamos à conversa mole do costume? Pensei que tínhamos combinado que não voltávamos à mesma conversa de sempre. Nos últimos dias até tínhamos melhorado. De repente, estás a estragar tudo. Não te dás conta de que estás a estragar tudo? *Levanta-se, enérgico.* Vá, vamos lá arrumar o hotel. *Ela fica a vê-lo.* Anda, vá, vamos! Estás à espera de quê? Não queres arrumar a casinha?

GLÓRIA É impressionante! Às vezes fico a pensar: será que é assim tão fácil mostrar a nossa natureza selvagem? Não andamos nós neste mundo para aperfeiçoar a espécie?

ROGÉRIO *Muito violento.* Estou-me a cagar para a espécie! O que me interessa é a vidinha que ainda temos pela frente, percebes? Isso é que interessa! Será que um gajo tem de berrar para que tu entendas que não estou aqui por acaso? De vez em quando

não te fazia mal pensar um bocadinho neste que está aqui deste lado e que só quer que estejas bem. Ou é mentira? *Ela sorri.* E que eu saiba nunca te faltei com nada, ou faltei? Diz! Faltei com alguma coisa?

GLÓRIA Queres mesmo que eu responda ou perguntas por perguntar?

ROGÉRIO Estou à espera.

GLÓRIA Faltaste com o mais importante.

ROGÉRIO E o que vem a ser o mais importante? *Pausa.*

GLÓRIA É melhor arrumarmos isto.

ROGÉRIO Fiz-te uma pergunta.

GLÓRIA Ajudas-me a levar isto, se fazes favor?

ROGÉRIO Okei, não estás para mais conversas. Ótimo! *Pegam no objecto, ou arrastam-no, e levam-no para fora de cena. Depois, cada um por si, arrumará o que entender de modo a que o espaço fique muitíssimo desocupado. Poderão levar algum tempo. Depois da arrumação, Rogério contempla o monitor da televisão a um canto da sala.* Fica descansada que não a levo para o quarto.

GLÓRIA Disse alguma coisa? *Senta-se num pequeno sofá. Algum incómodo. Rogério senta-se numa cadeira diante do televisor.* Algum tempo. Ficamos em casa?

ROGÉRIO Onde é que queres ir?

GLÓRIA Não sei. Por aí.

ROGÉRIO Isso era antigamente. Antigamente é que íamos “por aí”. Hoje não tenho paciência, desculpa.

GLÓRIA Podemos ficar em casa. Por mim, estou bem. *Pausa.*

ROGÉRIO Queres ir ao cinema?

GLÓRIA Não. *Pausa.*

ROGÉRIO Os gajos continuam a resistir. *Glória recolhe-se ainda mais no sofá e ele fica com o olhar fixo no televisor. A luz vai baixando.*

Luz. Eles estão exactamente nas mesmas posições.

ROGÉRIO Como é que sentadinhos aqui podemos saber se eram gente inocente? Não te esqueças: eles não têm mortos, têm mártires.

GLÓRIA Portanto, achas bonito dispararem contra a carrinha. Matam mulheres e crianças e para ti o assunto resolve-se assim.

ROGÉRIO Como é que queres resolver?

GLÓRIA Como é que eu quero resolver?!

ROGÉRIO A carrinha não parou às ordens do comando e os tipos dispararam. Estamos numa guerra, é normal. Às vezes dá a impressão que as pessoas ainda não entenderam o que se está a passar. Podia perfeitamente ser um atentado suicida. Há uns dias houve um precisamente no mesmo lugar. Não sabias? O Saddam condecorou o suicida a título póstumo. *Pausa.*

GLÓRIA Rogério...

ROGÉRIO Uhmmm...

GLÓRIA É na terça-feira.

ROGÉRIO O quê?

GLÓRIA A operação. *Ele olha para ela, perplexo.*

ROGÉRIO Já?! Não me disseste nada, porra!

GLÓRIA Está tudo tratado. Pedi dinheiro à Celeste.

ROGÉRIO Pediste?! Também tenho algum, não?

GLÓRIA Deixa, vais precisar. Cá me arranjo.

ROGÉRIO Seco. Tenho algum, não sou nenhum merdas. Importas-te que eu dê uma ajuda também? Obrigado. *Pausa.* E vai ser na próxima semana como? *Ela não responde.* Podias-me ter dito. *Pausa.* Uma pessoa não vai adivinhar. *Pausa.* Está decidido, é?

GLÓRIA Não fui eu que decidi. *Pausa.*

ROGÉRIO Felizmente que diagnosticaram a coisa a tempo. Tens de pensar que o pior já passou. *Ela sorri ligeiramente.* Achas que é melhor falar eu com o médico? Ela não responde. É onde? No outro hospital? *Ela acena dizendo que sim.* Não te preocupes, é bom. Parece que não, mas os nossos hospitais são bons. E já conheces. Se não conhecesses, não é?

GLÓRIA É, felizmente que não estamos em Bagdad. *Pausa.* Ele olha para o monitor. *Vai para falar, comentando o que vê, mas contém-se.*

ROGÉRIO Falaste com a tua mãe? *Ela não responde.* Queres que fale? *Ela não responde.* Eu falo.

GLÓRIA Já falei. *Ele aproxima-se dela e abraça-a muito ternamente.* Algum tempo. Não sei explicar. É como se a natureza estivesse a cometer um crime. *Pausa.* Uma pessoa pensa sempre que as coisas só acontecem aos outros. *Ela abraça-a ainda mais.* Queria tanto ter um filho.

ROGÉRIO Posso brincar? *Pausa.* Tens-me a mim. *A luz baixa. Escuro.*

Glória está sentada no sofá. Tem ao lado um pequeno saco de viagem. Está pronta para entrar no hospital. O monitor da televisão não está na sala. Rogério está no quarto.

ROGÉRIO *Off.* Acertaram-lhe de certeza. Aquilo foi logo naquele dia oito, lembra-te? No dia em que mandaram o míssil contra o ministério da informação.

GLÓRIA *Num tom quase para si.* Não te esqueças de mandar arranjar a tomeira da cozinha.

ROGÉRIO *Off.* Parece que o Mohamed al Sahaf desapareceu mesmo. *Pausa. Entrando.* Viste as imagens do miúdo? Sem braços, quase todo queimado. Impressionante. Não sei por que levas o saco, eu depois levava.

GLÓRIA Como é que ele se chama?

ROGÉRIO O miúdo? Ali qualquer coisa. Ali Abbas. *Senta-se. Ficam a olhar em frente. Tempo.*

GLÓRIA Não te esqueças de regar as plantas. *Ela acena dizendo que sim.* Se eu não voltar...

ROGÉRIO Não digas isso, que estupidez! Claro que vais voltar.

GLÓRIA *Sorrindo e levantando-se.* Tenho uma surpresa. Fecha os olhos.

ROGÉRIO Glória, por favor, sabes que detesto esse tipo de coisas.

GLÓRIA Fecha. *Ela fecha os olhos. Ela vai buscar um pequeno bolo que estava escondido e em cima do qual está uma vela. Acende-a e leva o bolo. Canta, baixinho.* Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

ROGÉRIO *Com ela continuando a cantar.* Glória, pára com isso! Detesto festas de aniversário! Sabes que detesto este tipo de coisas, e ainda por cima hoje. Pára com isso, foda-se! *E num gesto não propositado faz com que o bolo caia da mão de Glória, partindo-se no chão. Tempo. Ficam por instantes a olhar o aparato.* Merda! Sabes perfeitamente que embirro com isso dos parabéns e não é por isso que deixo de ser uma pessoa normal, acho eu. Tu é que me fazes sentir anormal. Não gosto destas coisas, pronto. Acho que tenho direito.

GLÓRIA Desculpa. *Apanha os pedaços do bolo.*

ROGÉRIO Deixa, eu limpo. *Vai buscar um pano e limpa o chão, enquanto ela compõe os pedaços do bolo para cima de um prato. Rogério arruma o pano e volta para junto de Glória. Lentamente, ela prepara-se para sair. Os seus movimentos são leves. Pega no saco. Ele não sabe o que dizer para a impedir de sair. Olha para o bolo desfeito.* Só uma vela? Não costumam ser duas? *Ela não responde. Rogério coloca a vela sobre um pedaço do bolo e acende o pavio. Como é? Ela canta mas sem grande entusiasmo.*

GLÓRIA Parabéns a você, nesta data querida... *Canta toda a melodia e no final bate as palmas, também sem grande entusiasmo. Ele sopra a chama, que não se apaga à primeira. Só à terceira. Ela beija-o discretamente e ele abraça-a.*

ROGÉRIO Obrigado. Nem me lembrava de que fazia anos. *Sorri desajeitadamente.* Acho que não me vou esquecer da festa. *Uma vez mais sentindo o incómodo do que acabou de dizer oferece um pouco do bolo.*

GLÓRIA Tinha comprado uma garrafa de champanhe.

ROGÉRIO Compraste champanhe?!

GLÓRIA Está no frigorífico.

ROGÉRIO Não vi.

GLÓRIA Pois, uma pessoa não pode reparar em tudo. *Ela vai buscar a garrafa e sai.*

Glória olha em volta e quase que chora mas aguenta-se. Ele entra com a garrafa.

ROGÉRIO Deve ter sido caro, não era preciso. *Abre a garrafa e serve. Nunca tive jeito para isto.*

GLÓRIA *Brindando. Parabéns, meu amor.*

ROGÉRIO Importas-te de repetir?

GLÓRIA Parabéns, meu amor.

ROGÉRIO Há quanto tempo não me chamavas meu amor? *Sentam-se para comer o bolo. Comem e bebem, mudos, mas por pouco tempo. Ela não acaba e pousa o prato. Ele imita-a. Glória levanta-se.*

GLÓRIA *Olhando em volta e pegando no saco. Vamos?*

ROGÉRIO *Indo ao quarto. Espera, deixa ver se fechei a televisão. Sai. Algum tempo. Pouco depois volta. Estão a saquear Bagdad.*

GLÓRIA Se quiseres fica. Vou bem sozinha.

ROGÉRIO *Tirando-lhe gentilmente o saco da mão. Eu sei, mas quero falar com o médico. Saem. A luz baixa. Escuro.*

12

Luz. Noite. Rogério entra em casa. Olha em volta, vai buscar um pequeno regador para as plantas. Procura, no íntimo, uma oração. Respeitando a íntima emoção de Rogério, a luz vai baixando. Nem todas as palavras da oração poderão ser perceptíveis.

ROGÉRIO Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. *Escuro.*

13

*Luz sobe lentamente. A sala está completamente arrumada e sem objectos supérfluos. Entra **Glória**, com um ramo de flores e traz um bonito lenço na cabeça, atado sob o queixo, e que lhe cobre a cabeleira. Entra devagar e olha em volta. Senta-se. Atrás dela vem Rogério que traz a mala do hospital. Algum tempo. Ela mostra um sorriso leve. Ele pousa a mala.*

GLÓRIA Ficou bem.

ROGÉRIO Achas?

GLÓRIA A sério, ficou mesmo. *Olham em volta. Atrás dela, ele tira-lhe o lenço com delicadeza.*

ROGÉRIO É bonito.

GLÓRIA Foi a minha mãe. *Pausa.* Sabes, quando entrei na sala de operações só me lembrei do meu pai. Juntei-me a ele não sei onde. Senti-me bem. Também me lembrei dele ao acordar. Foi uma força grande. Só ele e eu. Uma pessoa... *Pausa.*

ROGÉRIO Uma pessoa...?

GLÓRIA Uma pessoa por muito que queira não consegue livrar-se da vida. *Rogério passa-lhe os braços sobre os ombros num abraço amoroso.*

ROGÉRIO Queres ver o quarto? *Ela acena que sim e levanta-se. Não vais reconhecer.*

GLÓRIA É o quê? Dirigem-se para o quarto. Puseste o espelho na parede?

ROGÉRIO *Afirmativo.* Uhm-uhm!

GLÓRIA *Pára subitamente e olha para um recanto. Sorri.* Engraçado veio-me agora a sensação de já ter vivido isto. Os dois aqui. Exactamente as mesmas palavras. O ar. É uma espécie de gosto. Não me sinto confusa nem estranha, é apenas um sentimento. O sentimento da repetição. Nada de especial. Pedacinhos doutra vida, apenas isso. Da mesma maneira que nos lembramos, também esquecemos. Só não sei é se é melhor esquecer ou lembrar.

ROGÉRIO Cansada, não te esqueças de que estás cansada.

GLÓRIA E notícias de Bagdad?

ROGÉRIO Já te disse que ganhámos.

GLÓRIA Tens a certeza?

ROGÉRIO Não vamos falar disso agora, ou vamos?

GLÓRIA As paredes, pintaste?

ROGÉRIO *Afirmativo.* Uhm-uhm.

GLÓRIA Cinzento muito clarinho?

ROGÉRIO Vais ver. *A luz vai baixando. Desaparecem.*

Noite. O espaço está agora arrumado. Há um objecto novo na sala e que não identificamos, oculto por uma toalha sobre a qual está uma jarra com flores. **Rogério** consulta o relógio. Olha para a jarra de flores e sorri. Pouco depois, vinda da rua, entra **Glória**. Traz o lenço que lhe cobre a cabeça. Nota-se uma ligeira fragilidade no andar. Ele vai abraçá-la.

ROGÉRIO Demoraste.

GLÓRIA Ainda passei a casa da minha mãe.

ROGÉRIO Como é que estás?

GLÓRIA *Apartando-se com delicadeza.* Um bocadinho cansada mas estou bem.

ROGÉRIO A garganta?

GLÓRIA Já me custa menos a engolir.

ROGÉRIO *Sorrido.* Estás bonita. *Ela sorri.* Tens febre?

GLÓRIA Venho do hospital, por favor. Cheguei agora. Não quero andar sempre a ver se tenho febre ou não.

ROGÉRIO Mas convém. *Pausa.* Desculpa.

GLÓRIA Um bocadinho enjoada. Não posso com cheiros a comida. Já passa.

ROGÉRIO Vai ser até quando? *Ela encolhe os ombros. Retira o lenço.* A sua cabeça está completamente sem cabelo ou o cabelo muitíssimo curto. Cresceu. Reparaste?

GLÓRIA Vi uma rapariga chinesa aí em baixo a vender pentes, carteiras e assim umas blusas-tigre. Tinha um bebé ao colo. Pensei: aí está um chinesinho com futuro. Tinha acabado de ler, no metro, uma frase, também de um chinês.

ROGÉRIO Quem?

GLÓRIA Não me lembro. Chinês. "O tempo passa mas eu espero por ti". *Ele abraça-a e ela deixa-se abraçar.* Gosto assim de frases soltas.

ROGÉRIO Tenho uma surpresa.

GLÓRIA O jantar?

ROGÉRIO Lembras-te daquele concurso? Decidi mesmo ir, estavas no hospital. Não te disse nada porque se dissesse já sei que não ia ter coragem. Chegou há um bocado o prémio. *Sorri e retira a jarra com as flores e a toalha.* Vemos um exuberante monitor de televisão de muitas polegadas. Cem canais, ainda não é digital, mas quase. Gostas? Foi só responder certo a duas perguntinhas: qual foi o resultado contra a Coreia no mundial de 66, e quantos meses tem o ano bissexto. *A luz vai baixando com o diálogo.*

GLÓRIA Quantos meses?

ROGÉRIO Sim, quantos dias tem.

GLÓRIA Dias?

ROGÉRIO Os dias do ano bissexto, os dias do mês do ano bissexto. Qual é a dificuldade?

GLÓRIA Os dias?! Mas qual era a pergunta?

ROGÉRIO Os dias do mês do ano bissexto.

GLÓRIA Quantos dias tem Fevereiro, era isso?

ROGÉRIO Claro. Quantos dias tem no ano bissexto. Querias que perguntassem o quê?

GLÓRIA É, fazem perguntas só para baralhar. Nem sempre é fácil ganhar televisões.

ROGÉRIO Cem canais, já viste? *Usa o comando e o monitor dispara um qualquer filme “de acção” americano. Ficam por instantes a olhar a televisão e ele desliga-a pouco depois, colocando o comando sobre o monitor.*

ROGÉRIO O comando é fácil. É igual ao outro.

GLÓRIA Quero ir à terra do meu pai e ficar por lá até que os dias sejam mais pequenos. Ficar sentada ao pé dos vidoeiros e ouvir passar o rio. As cigarras. Apetece-me uma noite muito quente de verão. Ouvir ladrar os cães. Pausa. Gosto tanto de ouvir os cães nas noites de verão. Parece que as estrelas ficam mais próximas.

ROGÉRIO Queres ir à terra do teu pai? Se queres, vamos. Quando quiseres.

GLÓRIA Agora? *Ele acena, afirmativo.*

ROGÉRIO Tu não notas, mas eu sou capaz de ver o teu cabelo a crescer. *Ela sorri.*

GLÓRIA Queres ir, a sério? E o emprego?

ROGÉRIO Arranjo maneira.

GLÓRIA Que bom! Só de pensar que vou entrar no verão e ouvir os cães. Acho que vou trazer pedras. Trago e ponho depois ao pé da cama. Pausa. *Coloca o lenço na cabeça.* Se calhar é estúpido. Será?

ROGÉRIO O quê?

GLÓRIA Trazer pedras da terra do meu pai.

ROGÉRIO Desde que não tragas o monte. *Pausa.* Não liques ao que vou dizer, está bem? *Pausa.* Achas que ainda vou a tempo? *Pausa. Ela sorri e ele abraça-a. Avançam na saída.*

GLÓRIA *Sorrindo.* Isso da televisão... Por que és tão mentiroso?

ROGÉRIO Não resisti à promoção. *Eles desaparecem e ouvimos o tranquilo ladrar de cães numa noite de verão.*

ESCURO

Lisboa

Junho de 2003 – Junho de 2006

NOTA FINAL:

Estreia em Badajoz, no Teatro López de Ayala, no dia 3 de Novembro de 2006

DIRECÇÃO: Jorge Eines

TRADUÇÃO: Luz Peña Tovar

INTERPRETAÇÃO: Carmen Vals e Raul Tejón

PRODUÇÃO: Fedinchi

2008, Beja

DIRECÇÃO: António Revez

INTERPRETAÇÃO: Ana Ademar e Ricardo Brito

PRODUÇÃO: Lendias d' Encantar

2009, Luxemburgo

DIRECÇÃO: Sophie Langevin

TRADUÇÃO: Alexandra Moreira da Silva

INTERPRETAÇÃO: Céline Langlois e Serge Wolf

PRODUÇÃO: Théâtre du Centaure

2010, Bruxelas

DIRECÇÃO: Marcel Gonzalez

TRADUÇÃO: Alexandra Moreira da Silva

INTERPRETAÇÃO: Myriem Akheddiou e David Leclercq

PRODUÇÃO: Arrière-Scène

2012, Coimbra

DIRECÇÃO: Sofia Lobo

INTERPRETAÇÃO: Maria João Robalo e Miguel Magalhães

PRODUÇÃO: A Escola da Noite

*A obra *Nunca estive em Bagdad* foi publicada na Revista Galega de Teatro, nº 65, Inverno de 2010. Está traduzida em alemão, castelhano, francês, húngaro, inglês, polaco e romeno, e foi editada na Alemanha (Revista Theater der Zeit, Berlin, 2007), em França (Les Solitaires Intempestifs, Besançon, 2007), na Polónia (Revista Dialog, Varsóvia, 2010) e Roménia (Fundatia Culturală Camil Petrescu, Bucureste, 2007).



centro de
dramaturgia
contemporânea